

CONSELHO DA LAGARTA: A SIMBÓLICA DA LAGARTA E SUA INFLUÊNCIA NA BUSCA DA IDENTIDADE NARRATIVA DE ALICE EM *ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS*¹

Lorrana Marcela Nogueira de Montalvão

Orientador: Prof. Dr. Marcos Paulo Torres Pereira

RESUMO: A obra *Alice no País das Maravilhas* (1865) conta as aventuras da personagem Alice que ao se deparar com um coelho branco, decide segui-lo e acaba caindo dentro de sua toca, indo parar em um lugar fantástico chamado *País das Maravilhas*. Nesse mundo, Alice vive diversas situações extraordinárias que a levam a se sentir confusa e a questionar sua identidade. Diante dessa incerteza identitária, a Lagarta se manifesta como uma importante personagem que pode auxiliar Alice a solucionar esse dilema. É mediante a ação da Lagarta que Alice é levada a refletir sobre a questão: “quem é você?”. Diante dessa premissa, o objetivo deste estudo foi analisar a simbólica da personagem Lagarta e a importância que esta assume no processo compreensão da identidade narrativa da personagem Alice e as mudanças que essa identidade sofre mediante suas experiências pelo País das Maravilhas na obra *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll. Para isto, toma-se como base teórica a teoria de Paul Ricoeur acerca do conceito de identidade narrativa (1991), (1997) e seu estudo acerca da constituição de simbólica (1988) e os estudos sobre literatura fantástica de Tzvetan Todorov (2004).

Palavra-Chave: Identidade narrativa, literatura fantástica, “Alice no País das Maravilhas”

ABSTRACT: The work *Alice’s Adventures in Wonderland* (1865) portrays the adventures of the Character Alice who comes upon to a white rabbit, decide to follow it and happens to her falling into the rabbit’s hole and inside it she gets to a fantastic place called *Wonderland*. In this world Alice lives a lot of extraordinary situations that makes her feels confused and question herself about her identity. In reason of the doubt about her identity, the Catepillar manifests as an important character who can help Alice to solve this dilemma. Is through Catepillar’s actions that Alice reflects about the question: “Who

¹ Artigo apresentado para obtenção de aprovação na atividade de Trabalho de Conclusão de Curso III, do Curso de Licenciatura em Letras Português-Inglês da Universidade Federal do Amapá - UNIFAP

are you?”. Through this premise, the purpose in this study is analysing the symbolic of the Caterpillar Character and its importance in the process of comprehension of Alice’s narrative identity and the changes that her identity go through in reason of the experiences she lives in Wonderland in the work *Alice’s Adventures in Wonderland*. Therefore, we going to use as theorical bases the theory of Paul Ricoeur about the concept of narrative identity (1991), (1997) and his study about the constitution of simbolic (1988) and the studies about fantastic literature of Tzvetan Todorov (2004).

Key-word: Narrative Identity, Fantastic Literature, “Alice’s Adventures in Wonderland”

Introdução

O livro *Alice no País das Maravilhas*, escrito por Lewis Carroll (pseudônimo de Charles Lutwidge Dodgson, 1832-1898), é uma obra fundamental da literatura inglesa do período vitoriano. O livro foi oficialmente lançado em 1865 com o título *Alice’s adventures in Wonderland* no idioma original, e originou-se de uma narrativa oral criada pelo autor para entreter as irmãs Liddell – Lorina, Edith e Alice. Alice, em particular, inspirou a personagem principal da narrativa.

De acordo com a tradutora Marcia Heloisa (2019), críticos que examinaram os registros da vida de Dodgson observam que a família Liddell se mudou para Oxford, onde Henry Liddell, pai de Alice, assumiu o cargo de Deão no Christ Church College, instituição na qual Dodgson lecionava matemática. A partir dessa proximidade, o matemático estabeleceu laços com os Liddell e passou a frequentar a residência da família, participando de encontros e levando as meninas Liddell para passeios. Foi em uma destas ocasiões que surgiu a narrativa das aventuras de Alice.

A obra é um marco na literatura inglesa por apresentar um enredo fantástico protagonizado por uma personagem infantil, em um momento de inovação na literatura infantil. A história foi originalmente contada por Dodgson para Alice Liddell que, encantada com a narrativa, pediu ao autor que lhe desse a obra escrita. Essa motivação o levou a registrar o texto e presenteá-lo a Alice com um manuscrito intitulado *As aventuras de Alice no Reino Subterrâneo* (no idioma original, *Alice’s adventures underground*), assinado sob o pseudônimo de Lewis Carroll².

² “Dodgson, que assinou o livro como Lewis Carroll, talvez tenha usado o pseudônimo como um distanciamento contemplativo, uma maneira de se tornar espectador, e não um partícipe – como o pintor para melhor apreciar sua obra”. (MARCIA HELOISA, 2019. P. 14)

O mundo onírico do País das Maravilhas é habitado por personagens fantásticos que desafiam o leitor com charadas e enigmas, convidando-o à reflexão sobre esse lugar imaginário. A relevância da obra transcende o momento histórico em que foi criada e tem sido objeto de estudo em diversas áreas do conhecimento, como literatura, filosofia e teoria da literatura infantil. *Alice no País das Maravilhas* aborda temas como fantasia, imaginação, sátira social e política, e reflexões sobre linguagem e lógica, sendo frequentemente abordada em cursos universitários e em estudos acadêmicos como uma obra icônica da literatura inglesa e mundial.

A obra conta a história de Alice, uma garota inteligente e muito curiosa. Certo dia, enquanto estudava com sua irmã, Alice, entediada, avista um coelho branco e o segue até cair em sua toca. É dessa forma que ela vai parar no País das Maravilhas, um mundo fantástico em que os animais falam e agem como seres humanos, e os humanos aparentam ser loucos. Dentro desse mundo, a protagonista vive diversas situações inusitadas, como encolher e esticar, visitar locais estranhos aos que estava habituada e conhecer criaturas de comportamento incomum. Ela nada em um rio de lágrimas e tem que se secar em companhia de criaturas falantes. Em outro momento, se depara com uma lagarta fumando um narguilé em cima de um cogumelo que lhe questiona sobre quem ela é, fazendo-a perceber que não sabe responder a essa pergunta. Em outra situação, ainda, toma um chá da tarde que parece não acabar e joga uma partida de croque, o que a leva a ouvir histórias absurdas que, em sua interpretação, soam sem sentido.

Todas essas experiências levam Alice a se sentir confusa e a questionar sua identidade. No final, ela é levada a um julgamento e condenada pela Rainha Vermelha, envolvendo-se em uma grande confusão que se desfaz quando ela acorda de um cochilo. Nesse momento, Alice percebe que tudo que ela experienciou – aquele universo fantástico que lhe proporcionou diversas aventuras e despertou a dúvida sobre conhecer a si-mesma – ocorreu em um mundo dos sonhos.

A narrativa criada por Carroll (Dodgson) encantou não apenas a pequena Alice Liddell, mas também muitos leitores da época, que se viram reflexivos diante das inquietações enfrentadas pela personagem em sua trajetória pelo País das Maravilhas. Como Alice, também nos damos conta de que responder à pergunta feita pela Lagarta – “Quem é você?” (CARROLL, 2019. p. 71) – não é uma tarefa fácil.

É através do diálogo com a Lagarta que o dilema de Alice se explicita: em certo momento do enredo, a garota não sabe expressar quem ela é. Por sua vez, sua interlocutora parece entender a complexidade da pergunta e ter a resposta para tal, apesar de a responder

de forma enigmática. Dessa forma, fica evidente que a participação da personagem Lagarta no processo narrativo é essencial para desencadear uma negociação acerca de como se pode definir quem é Alice, ou seja, como definir sua identidade.

Diante dessa premissa, a pesquisa teve como objetivo analisar a importância da personagem Lagarta para a compreensão da identidade narrativa de Alice, mediante a baliza de que para entender a incerteza constante de Alice acerca de ser ou não ser quem ela é seria preciso explicar o que é ser um indivíduo dotado de uma identidade narrativa e como ela se constitui. Para isso, foram utilizados como base os estudos da obra de Paul Ricoeur, *Tempo e Narrativa* (1997), em que o autor define o conceito de identidade e como essa se constitui através da narrativa.

Considerando que a compreensão da identidade narrativa na obra em estudo já foi objeto de estudo em trabalhos anteriores, como “A Rasura do Nome a Partir de Lewis Carroll e Pierre Klossowski: Cesura do Eu e Identidade Narrativa”, de Reginaldo Sousa Chaves (2016); e “A Busca da Identidade em ‘Alice no País das Maravilhas’ e ‘Corda Bamba’”, pesquisa de Cida Golin (1991); nosso foco foi contribuir para essa temática a partir de um novo ponto de vista a qual consideramos pouco explorado: entender o papel que a personagem Lagarta desempenha no processo narrativo e por que é relevante para que Alice compreenda a si mesma.

A personagem Lagarta é fundamental na construção discursiva de *Alice no País das Maravilhas*, pois sua interação com a protagonista Alice contribui para a compreensão da identidade narrativa da garota. Para apoiar nossa análise, utilizamos como referência teórica a obra *O si-mesmo com um outro*, de Ricoeur (1991), que explora como a identidade pessoal é moldada por meio da reflexão e da interação com outras pessoas, negociando os conceitos de identidade-idem e identidade-ipse. Tendo como norte *O Conflito das Interpretações: Ensaio de Hermenêutica*, também de Ricoeur (1988), abordamos as lides simbólicas da Lagarta a partir de suas relações em diferentes níveis (literal, figurativo, simbólico), observando o papel hermenêutico adotado por esta à compreensão do mundo e da experiência humana.

Outro aspecto importante da obra é que a jornada de reflexão e reconhecimento da identidade de Alice e o papel da Lagarta ocorrem em um plano que evoca o onírico, para além do natural das coisas. Para entender como Alice entra nesse universo, utilizamos a obra *Introdução à Literatura Fantástica*, de Todorov (2004), que aborda a constituição do plano fantástico e como isso permite a existência do sobrenatural e do inexplicável.

A partir da problemática apresentada na obra, percebemos que a identidade pessoal vai além de possuir um nome, sendo constituída por meio de um processo contínuo de experiências humanas que formam uma história. Assim como Alice, que se questiona "Quem eu sou, então?", nós também podemos refletir sobre nossa própria identidade. Dessa forma, para além da compreensão de como a identidade narrativa, esse estudo também buscou analisar como o princípio da alteridade permite que a interação com a personagem Lagarta contribua para a compreensão da identidade narrativa de Alice, e como essa jornada de reflexão ocorre em um plano fantástico. O mote final foi compreender como nossa história pessoal molda nossa identidade e como a negociação entre identidade-idem e identidade-ipse é um processo contínuo e dinâmico.

1. Alice e o florescimento da incerteza sobre sua identidade

A história de Alice, a inteligente e curiosa protagonista, se inicia diante da promessa de uma narrativa de fantasia e aventura, que apresenta uma criança sedenta por se encontrar ante todas as normas e proibições impostas aos pequenos em um mundo repleto de regras, em que a garota tem que ter aulas entediantes e só lhe é permitido fazer leituras de livros sem desenhos nem diálogos. Ao avistar um coelho branco, ela decide abandonar seus momentos de estudo para segui-lo para dentro de uma toca, o que a faz chegar a um lugar chamado País das Maravilhas, onde experimenta situações estranhas, como encolher instantaneamente ao ingerir um líquido misterioso ou crescer rapidamente ao comer um pedaço de bolo. Esses eventos geram nela sentimentos de estranheza e desconcerto, uma vez que, antes de chegar àquele lugar, a garota estava acostumada com as regras e a logicidade de seu mundo. A incerteza diante dessas mudanças e situações atípicas fragiliza a compreensão que Alice tem de si mesma, como evidenciado por suas perguntas sobre se ela passou por mudanças:

Alice apanhou o leque e as luvas e, como estava muito abafado no salão, se abanou enquanto falava: “poxa, está tudo tão esquisito hoje! E pensar que ontem as coisas estavam normais. Será que passei por alguma transformação durante a noite? Deixe-me ver: será que acordei igual? Tenho a vaga impressão de que despertei me sentindo um pouquinho diferente. Mas, se sou a mesma, a pergunta que não quer calar é: quem sou eu, então? Ah, aí está o grande mistério!”. Começou a repassar mentalmente todas as crianças da sua idade que conhecia, para ver se tinha se transformado em alguma delas. (CARROLL, 2019. p. 45-46)

A temática da identidade é elemento fundamental em muitas narrativas, incluindo a história de *Alice no País das Maravilhas*. A partir das situações atípicas que experimenta nesse mundo fantástico, a personagem é confrontada com a incerteza em relação à sua própria identidade e à inabilidade em compreender completamente as mudanças que ocorrem também no ambiente onde se encontra. Essa incerteza acerca da identidade pode ser vista como um processo de ressignificação de si, que é afetado pelas experiências que vivencia. Conforme destaca Paul Ricoeur (1997), a identidade não é algo fixo e estático, mas sim um processo contínuo de mudança e ressignificação. Nesse sentido, a incerteza inicial de Alice pode ser vista como uma oportunidade para repensar e ressignificar sua identidade, em vez de uma fonte de ansiedade e desconforto.

De acordo com o autor, a configuração narrativa exige a presença de um agente que realiza ações e compõe sua própria história, e esse sujeito precisa de um nome para se identificar. No entanto, esse nome só se torna uma identificação duradoura quando é incorporado à narrativa. É por meio da narração que a história do sujeito se torna compreensível e sua identidade tem sua estrutura basilar constituída. Ou seja, o nome possui a função de elemento de representação e identificação do sujeito e em que faz referência as suas características que o compõem em sua individualidade (físicas, psíquicas, emocionais.) que servem para defini-lo como único.

Na história de Alice, a personagem é identificada por seu próprio nome, que está associado a uma série de ações que a estabelecem como sujeito da narrativa. No entanto, devido às constantes mudanças pelas quais ela passa, parte da compreensão que possui de si mesma se distancia da *imagem* de si que idealizara até aquele momento, já que as transformações ocorridas dificultam a assimilação de que sua história de vida não é imutável e está sujeita a mudanças, como podemos ver no seguinte trecho:

Tenho certeza de que não virei a Ada”, concluiu, “pois o cabelo dela é comprido e cacheado e o meu não tem cachos nenhum. Também não posso ser a Mabel, porque sei um monte de coisas e ela... bem, convenhamos, ela não sabe quase nada! Além do mais, ela é ela e eu sou eu... Poxa, como tudo isso é confuso! Vou testar para ver se ainda sei tudo o que sabia antes. (CARROLL, 2019. p. 46)

No trecho mencionado, é possível observar que a personagem busca estabelecer elementos de identificação por meio da comparação, com o objetivo de encontrar correspondências com os aspectos que apresenta em sua individualidade. Isso indica que o termo "identidade" é compreendido como uma categoria de prática, relacionada à resposta da pergunta "quem fez tal ação?" ou "quem é o agente, o seu autor?" Dessa forma,

responder à questão "quem?" implica em contar a história de uma vida, narrando a identidade de um indivíduo ou de uma comunidade.

As constantes mudanças pelas quais passa Alice tornam a narrativa de sua identidade um processo dinâmico e em constante transformação. Ela busca se assegurar na dialética da reidentificação, utilizando a lembrança de quem ela costumava ser como parâmetro de comparação para entender que não é Ada nem Mabel, e sim uma outra que floresce nas incertezas que lhe surgem e nas descobertas que lhe virão. Trata-se de um processo de constituição de identidade contínuo, que envolve a seleção e a interpretação de experiências e eventos para construir uma história de vida coerente, organizada em intriga narrativa³. Essa constituição identitária não é um caminho estável a ser percorrido, podendo inclusive ser combinado de diferentes narrativas sobre os mesmos incidentes, apresentando intrigas diferentes, ou até opostas, sobre a própria vida. A construção lógica e argumentativa das experiências da personagem, assim, é essencial para transmitir ao leitor a narrativa de quem é essa *Alice* é apreendida mediante a linguagem e se constitui através do texto.

Alice sente que está passando por mudanças, contudo não consegue entender que é um sujeito em formação, por isso a insegurança em relação a si mesma. Segundo Cida Golin (1991), a menina estaria passando pela fase de “regular a idade”, que buscaria resolver através da compreensão de sua identidade através de sonhos, nas transformações que ocorrem em seu eu inconsciente. Para obter respostas, a personagem recorre ao mundo do fantástico⁴, representado pela aparição do coelho e o surgimento do País das Maravilhas, que desafiam as leis naturais e a transportam para um novo mundo. Essa imersão pode ser vista como um surgimento simbólico de uma “porta estreita” que viabiliza uma nova forma de existência do extraordinário, assim como a entrada da toca do coelho e a porta que Alice encontra no grande salão após sua queda. Em suma, a jornada de Alice pelo mundo fantástico ajuda-a a melhor compreender a si mesma e maturar sua percepção do mundo, resultando em uma nova forma de se ressignificar a sua identidade.

³ RICOEUR (1991, p. 169) defende que a constituição da intriga é ato configurante de concordância discordante, que se configura como plano em que a identidade do sujeito se constitui: “por concordância entendendo o princípio da ordem que preside ao que Aristóteles chama “agenciamento de fatos”. Por discordância entendendo as reviravoltas de fortuna que fazem da intriga uma transformação regulada desde uma situação inicial até uma situação terminal. Aplico o termo *configuração* a essa arte da composição que faz mediação entre concordância e discordância”.

⁴ Tzvetan Todorov (2004) define o fantástico como uma ambiguidade entre o real e o imaginário, a vacilação experimentada por um ser que não conhece mais as leis naturais frente a um acontecimento aparentemente sobrenatural.

As protagonistas ingressam no cenário fantástico pelas mesmas chaves: o sono e o sonho. Logo no início, as duas garotas deparam-se com outro símbolo em comum: a porta. Tanto em *Alice no País das Maravilhas* como em *corda bamba*, as portas estão fechadas e precisam de um esforço da personagem para ser abertas. A porta simboliza o local de passagem entre dois estados, entre dois mundos, entre o conhecido e o desconhecido. (GOLIN, 1991. p. 62)

A transição de Alice para o mundo fantástico não é um acidente na trama, mas sim uma ação intencional que simboliza suas inquietações internas. Nesse universo de imaginação, onde os animais falam e a comida pode fazer crescer ou encolher rapidamente, ela confronta sua maior incerteza: sua identidade. Cada situação vivida representa uma inquietação pessoal, e a narrativa fantástica permite que ela expresse sua visão de mundo por meio da imaginação. Segundo Golin (1991), a narrativa fantástica possibilita a externalização da visão de mundo de Alice, permitindo-lhe vivenciar situações que geram reflexão e confrontam suas inquietações. É por meio desse mundo de sonhos que Alice pode confrontar a si mesma e compreender melhor sua identidade.

2. O papel da Lagarta⁵ na compreensão identitária de Alice

No capítulo 5 de *Alice no País das Maravilhas*, o “Conselho da Lagarta”, a personagem se depara com a Lagarta, um animal antropomorfizado sentado em cima de um cogumelo enquanto fuma um narguilé. É uma cena emblemática para o enredo da narrativa, pois é nesse encontro que a Lagarta questiona Alice sobre sua identidade, levantando a dúvida sobre quem ela é e provocando um momento de reflexão para a protagonista. A figuração da Lagarta é uma representação de um tema muito presente na obra de Lewis Carroll, que é o uso de drogas e substâncias alucinógenas. Alguns estudiosos afirmam⁶ que a cena representa o uso de drogas como um meio de transcender o mundo real e adentrar em um mundo de fantasia, que é exatamente o que acontece com Alice.

⁵ Jean Chevalier e Alain Gheerbrant em sua obra *Dicionário de símbolos* (2015) pontuam que um aspecto que fundamenta a lagarta como figura simbólica é que esse animal associa-se a ideia de transmigração de estados desde a forma de larva à transformação em borboleta. A relação entre os símbolos lagarta, crisálida e borboleta se coadunam em uma simbólica universal de metamorfose.

⁶ Sobre o tema, recomendamos a leitura de Martin Gardner, em *The Annotated Alice* (1965); e Donald Rackin, em *Alice's Adventures in Wonderland and Through the Looking-Glass: Nonsense, Sense, and Meaning* (1991).

A Lagarta e Alice entreolharam-se em silêncio. Após alguns instantes, a lagarta tirou o narguilé da boca e perguntou com voz lânguida e sonolenta: “Quem é *você?*”.

Não era um início de conversa muito promissor. Alice, meio tímida, respondeu: “No momento não sei muito bem, senhor. Até sabia quem eu *era* quando acordei hoje cedo, mas acho que mudei várias vezes de lá para cá”. (CARROLL, 2019, p. 71-72)

No ponto da história em que a Lagarta questiona Alice sobre sua identidade, a personagem retorna à dúvida que a acompanha desde o início de sua jornada no País das Maravilhas. Ela acreditava saber quem era, mas, diante de novas situações, passou a ter ainda mais incertezas, porque se tratava de uma questão de reconsideração imagética de si para uma ressignificação posterior. Ricoeur (1991) explica que essa incerteza é um problema filosófico da identidade pessoal e que a solução está função narrativa, onde o sujeito busca estabelecer uma forma de reconhecimento, interpretando-se por meio da história que tece sobre si mesmo. Ainda segundo Ricoeur, a identidade se define como uma categoria de prática de ação em que o sujeito agente realiza as ações que são a “matéria” constituinte da intriga. Para Alice, a trajetória de suas ações é o elemento que a permite compreender a si mesma a partir da interpretação que faz de sua própria história, porque se tornara o sujeito da imputação.

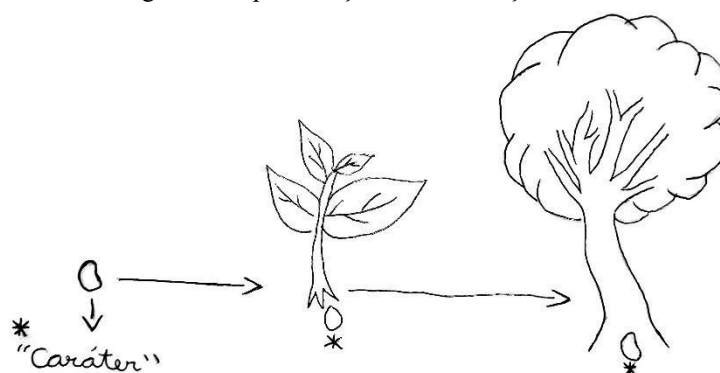


Figura 1: A Lagarta no cogumelo
Fonte: TENNIEL, 2019, p. 71.

Alice precisava agir de forma que suas ações compusessem conjunto de experiências que se somavam em uma trajetória, e esta é o elemento que a permitiria compreender a si mesma a partir da interpretação que faz de sua própria história. A Lagarta seria “o gatilho” que ativaria o caminho a ser percorrido por Alice nesse processo de constituição de sua identidade. Contudo, o que a impede de perceber seu caminhar é que ela não consegue visualizar que sua identidade não é uma existência inalterável e imutável, que renega quaisquer influências de suas experiências vividas. Ao afirmar que “Até sabia quem eu era quando acordei hoje cedo, mas acho que mudei várias vezes de lá para cá” (CARROLL, 2019, p.72), a priori Alice não consegue compreender que a mudança é um fator condicionante para gerar uma ressignificação da identidade.

Ricoeur (1991) oferece uma compreensão mais detalhada do problema da constituição da identidade pessoal, que se assegura na existência de dois polos distintos que, quando agem em correlação, ascendem a uma constituição plena da identidade do sujeito: a identidade-idem, uma identidade como mesmidade, como promessa; e a identidade-ipse, uma identidade como ipseidade, demarcada pela ação do tempo. O primeiro conceito se refere a ser idêntico a si e imutável através do tempo, o que estabelece a base identitária do sujeito. A mesmidade funciona como um estágio que permanece ao longo da jornada do sujeito, permitindo que ele seja conhecido e reconhecido um mesmo. O autor utiliza o exemplo de um carvalho para ilustrar essa ideia, afirmando que ele é o mesmo desde a bolota até a árvore inteiramente desenvolvida.

Figura 2: Representação da constituição do caráter como elemento imutável



A identificação do sujeito se assegura mediante o conceito de caráter, que é a união de várias marcas distintas que possibilitam a reidentificação do sujeito como sendo o mesmo. Esse é o caso de Alice, cuja constituição identitária se assegura em várias características físicas e de personalidade. Embora duvide de sua identidade, a personagem

é capaz de estabelecer uma reflexão acerca desses elementos que a induzem à hipótese de reafirmação.

A estrutura invariável de um instrumento do qual teremos progressivamente mudado todas as peças; é ainda o caso que nos toca de perto da permanência do código genético de um indivíduo biológico; o que permanece aqui é a organização de um sistema combinatório; a ideia de estrutura, oposta à de acontecimentos, responde a esse critério de identidade. (RICOEUR, 1991, p. 142)

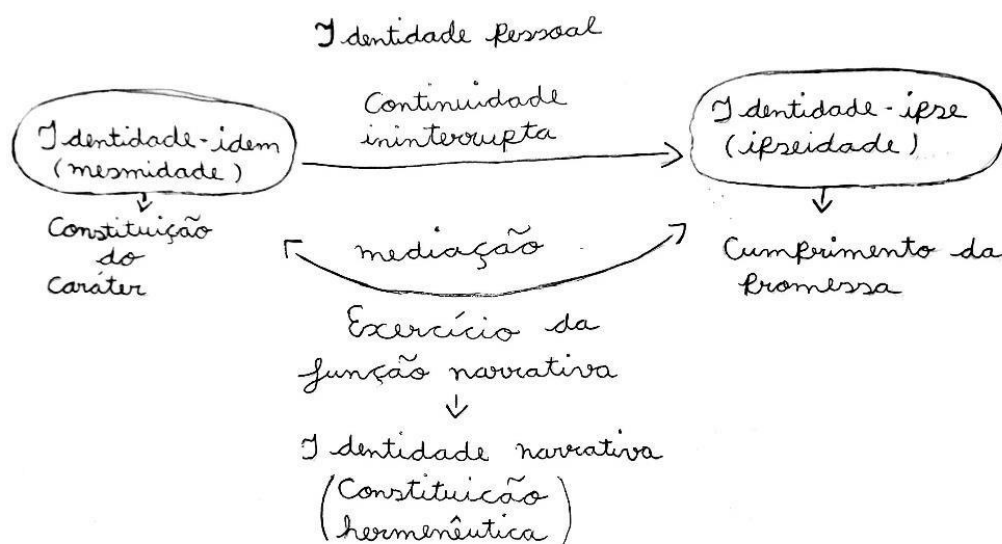
A ipseidade, por sua vez, é entendida como a identidade reflexiva, que leva em conta as experiências do sujeito e as incorpora à sua identidade. Ela complementa a mesmidade, indicando que o sujeito pode passar por mudanças ao longo do tempo, mas ainda assim manter sua identidade.

Alice, no entanto, tem dificuldades em compreender essa ideia de identidade em constante transformação, porque se prende ao conceito de mesmidade e não percebe que seu caráter está sujeito a mudanças. A Lagarta que ela encontra durante a história é uma agente de mediação que a ajuda a compreender os dois critérios que constituem sua identidade. Nesses termos, podemos apreender que a identidade de um sujeito é composta tanto pela permanência do seu caráter quanto pelas experiências que ele vive ao longo do tempo e que incorpora a sua ipseidade. Esses dois critérios não são excludentes, mas complementares na constituição da identidade.

Alice encontra-se em um processo de constituição de si, porém, inconsciente disso. Para que ela possa compreender a si mesma, é necessário passar pelo estágio de reflexão proposto pela alteridade. Conforme destaca Gubert (2021, p. 139 apud Rabuske, 1995, p. 142), “a ipseidade significa ser autêntico, responsável e manter a palavra dada. Ela não pode ser provada por prova dedutiva ou empírica, somente atestada. Para ser eu mesmo, preciso do outro”. Nesse aspecto, a prática da alteridade⁷ possibilita que o sujeito se enxergue para além do caráter substancial e visualizar sua mudança ao longo do tempo. É, portanto, por meio desse processo de mediação das polaridades que Alice ascende à compreensão de si.

⁷ “Alguém poderia, no entanto, objetar que o sujeito também pode perguntar por si mesmo, saber a si mesmo, parecendo assim destruir a necessidade da relação sujeito-objeto. A esta objeção se responde que realmente se trata aqui de mera aparência. De fato, quando o sujeito pergunta por si mesmo, torna-se para si mesmo, até certa medida, objeto. Neste caso, ele não é mais sujeito como puramente sujeito, mas sujeito como sujeito-objeto”. Dessa maneira, o eu aparece como sendo ao mesmo tempo um outro. É a alteridade. CASTRO, Manuel Antônio de. *Metafísica*. In.: *Mimeo*. Imigrantes, RS: 1963. Disponível em: <http://www.dicpoetica.letras.ufrj.br/index.php/Alteridade>. Acesso em: 20 de abril de 202.

Figura 3: Representação da Mediação entre as polaridades da identidade pessoal



Alice não consegue compreender diretamente o processo de reflexão acerca de si mesma, pois é intangível e introspectivo. Por essa razão, sua entrada no País das Maravilhas é essencial para que essa reflexão assuma uma forma concreta, simbolizada pela Lagarta, que assume o importante papel de projetar esse estágio de reflexão e confrontar Alice acerca de quem ela é. A relação entre elas é fundamental para o processo de mediação das polaridades idem e ipse e para a reflexão sobre si mesmo, pois, ao encontrar a Lagarta, Alice é instigada a confrontar a premissa acerca do quem, acerca da imputação; assim como a Lagarta, que também se estabelece como sujeito da imputação mediante a intriga, precisa fazer para reforçar as inquietações de sua interlocutora.

No entanto, a Lagarta desempenha um papel mais amplo na história, sendo vista como um símbolo da reflexão de si em processo de constância. A personagem reflete as angústias de Alice em relação à compreensão de si mesma, instigando-a a prosseguir em seu processo de mediação entre as polaridades idem e ipse. A Lagarta é uma projeção desse estágio de reflexão e a sua presença no País das Maravilhas é fundamental para que Alice consiga enxergar-se como um *Outro* e, assim, visualizar a sua mudança no tempo.

Por outro lado, a relação entre Alice e a Lagarta também exemplifica a importância da mediação entre ipseidade e mesmidade⁸ na constituição da identidade do sujeito. A Lagarta, ao instigar Alice a refletir sobre si mesma, desempenha um papel importante na constituição da identidade da protagonista, enquanto Alice, ao compreender a importância

⁸ A ascensão plena à identidade se constitui mediante a dialética da ipseidade e da mesmidade, que Ricoeur (1991) nomeia de mediação.

da alteridade e da reflexão sobre si mesma, consegue prosseguir em sua jornada de descoberta e compreensão de si mesma. É importante ressaltar que a mediação entre ipseidade e mesmidade permite que a identidade esteja propensa a mudanças sem abandonar a sua constituição basilar, talhada pela mesmidade, como o caráter.

A manutenção de si é para a pessoa a maneira de se comportar tal que o outro possa contar com ela. Porque alguém conta comigo, eu sou responsável por minhas ações diante de um outro. O termo de responsabilidade reúne as duas significações: contar com..., ser responsável por... ele as reúne, acrescentando aí a ideia de uma resposta: “onde está você?” indagada por outro que me solicita. Esta resposta é: “Eis-me aqui”. Resposta que enuncia a manutenção de si. (RICOEUR, 1991, p. 195)

Ao citar a *responsabilidade*, o autor busca destacar a importância da ipseidade na manutenção da identidade do sujeito ao longo do tempo, mesmo diante das mudanças que ocorrem em sua vida. A mediação entre mesmidade e ipseidade é fundamental para a constituição da identidade pessoal, insistimos, pois é a partir dessa relação que o sujeito pode encontrar uma forma duradoura de identificação, permitindo que seja reconhecido como o mesmo indivíduo ao longo de sua trajetória.

No mundo fantástico em que se passa a história, a Lagarta se apresenta como uma figura simbólica do Outro, com quem Alice dialoga e se confronta para entender as transformações que está vivenciando. A relação entre Alice e a Lagarta é essencial para que a protagonista consiga mediar as polaridades idem e ipse e compreender a importância da reflexão sobre si mesma na ressignificação da sua identidade.

“Lamento, senhor, mas não posso *me* explicar”, retrucou Alice, “porque eu não sou eu, entende?” “não”, disse a Lagarta.

“Desculpe, não sei como fazer entender”, respondeu Alice, muito educada, “porque eu mesma não me entendo, para começo de conversa... Além do mais, ter vários tamanhos diferentes em um só dia é muito confuso.” “não é, não”, discordou a Lagarta. (CARROLL, 2019. P. 72)

O trecho em questão exemplifica a interação entre Alice e a Lagarta em relação à incerteza que as mudanças causam no reconhecimento de si: A Lagarta toma para si uma posição de confronto, gerando a dialética entre mesmidade e ipseidade, o que incita Alice a refletir sobre o que é ser alguém em meio às mudanças ao longo do tempo, pela ação da intriga; enquanto a Lagarta faz alusão ao processo de ciclo pelo qual as lagartas passam, remete-se à ideia de um processo de mediação entre o caráter e a promessa que leva o sujeito a ascender à sua identidade plena. A interação entre Alice e a Lagarta se torna um momento de reflexão sobre a constituição da identidade pessoal, portanto,

ressaltando a importância do confronto dialético e da mediação na formação da identidade.

“Bem, talvez o senhor não pense assim ainda”, disse Alice, “mas, quando se transformar em crisálida – o que vai acontecer um dia, sabe – e depois em borboleta, aposto que também vai se sentir meio esquisito também, não é mesmo?”

“Nem um pouco”, disse a Lagarta.

“Talvez o senhor não sinta as coisas como eu”, prosseguiu Alice. “Só sei que *eu* me sentiria meio esquisita”. (CARROLL, 2019, p. 72)

No trecho em questão, Alice formula uma contra-argumentação às imposições da Lagarta ao afirmar que a ideia de mudança pode ser confusa, mas é um processo de desenvolvimento esperado, como exemplificado pela crisálida. Isso sugere que Alice já está em processo de mediação, em que seu argumento serve para mostrar à Lagarta que ela também está em seu próprio processo de desenvolvimento.

Durante o embate, a Lagarta pede que Alice recite um poema, mas a garota se confunde e recita de forma equivocada, o que gera um momento de silêncio. Em seguida, a Lagarta pergunta:

“Que tamanho você quer ter?”

“Ah, não tenho preferência por tamanho específico”, respondeu Alice, depressa. “Só não gosto de ficar mudando toda hora, sabe?”

“Eu *não* sei”, respondeu a Lagarta.

Alice não disse nada; nunca ninguém a contradissera tanto e estava perdendo a paciência.

“Você está contente agora?”, perguntou a Lagarta.

“Bem, gostaria de ser um *pouquinho* maior, se não for pedir muito”, disse Alice.

“Sete centímetros não é altura que se preze.”

“É uma excelente altura!” retrucou a Lagarta, encrespada, empertigando-se toda (media exatamente sete centímetros).

“Mas não estou acostumada a ter esse tamanho!”, lamentou a pobre Alice, com voz de choro, pensando consigo mesma que os bichos se ofendiam à toa. “Com o tempo, você se acostuma”, disse a Lagarta, colocando o narguilé na boca e tragando novamente. (CARROLL, 2019. P. 76-77)

Embora a discussão sobre mudanças ainda ocorra, há um progresso na compreensão de que são processos desconfortáveis, porém necessários, porque fazem parte do desenvolvimento. A discussão termina com a Lagarta instigando Alice a refletir, evocando a necessidade do conflito para a organização do texto, pois serve como um momento de virada na compreensão de Alice em relação às mudanças de tamanho. As ações decorrentes deste revelam as ideias centrais do texto, demonstrando o papel que assume a Lagarta como agente causador do conflito existencial de Alice.

A relação da Lagarta como agente causador do conflito desafia as crenças de Alice, levando-a a questionar sua própria visão de si mesma e de seu desenvolvimento, fazendo com que ela funcione como um guia para a menina, ajudando-a a superar seus medos e incertezas, já que é nesse embate que se representa a luta interna que muitos indivíduos enfrentam durante seu processo de desenvolvimento. A resolução do conflito, assim, representa a superação desses obstáculos e a aceitação das mudanças. Em resumo, o texto destaca a importância do conflito como um elemento essencial para a organização e compreensão da narrativa, enquanto as ações decorrentes deste expõem as ideias centrais do texto.

Dessa vez Alice esperou pacientemente até que ele decidisse falar. Passados uns dois minutos, tirou o narguilé da boca, bocejou umas duas vezes e se sacudiu. Desceu então do cogumelo, saiu se arrastando pela relva e disse: “um lado vai te deixar mais alta, o outro vai te deixar mais baixa”.
“Um lado de *quê*? Um outro lado de *quê*?”, pensou Alice.
“Do cogumelo”, respondeu a Lagarta, como se a menina perguntasse em voz alta. Logo depois, desapareceu de vista. (CARROLL, 2019. p. 77)

Após o diálogo, a Lagarta faz uma última reflexão sobre o dilema: embora a solução oferecida sobre o crescimento ou diminuição que Alice almeja seja ambígua, é possível inferir seu papel fundamental em instigar a garota a compreender-se no processo de desenvolvimento. O conflito permitiu que ela tornasse externo a compreensão da constituição de sua identidade e como essa se desenvolveria ao longo de sua jornada. A Lagarta exerceu o importante papel de mediação entre a negociação de mesmidade e ipseidade, ajudando Alice a compreender-se nesse processo dialético. Podemos relacionar essa ideia com o início da história, em que Alice busca respostas e passa pelo momento de “regular a idade”. A Lagarta, como guia, ajudou-a a compreender-se nesse processo de desenvolvimento.

3. A Simbólica da Lagarta

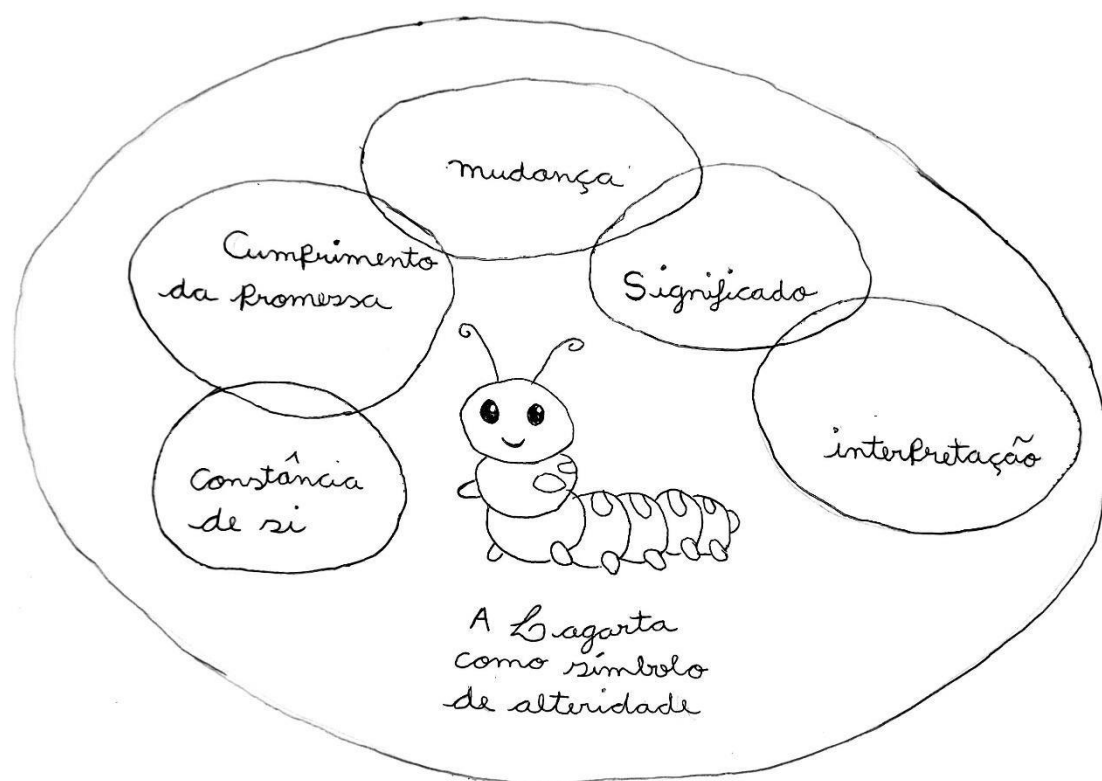
No capítulo 5 da obra *Alice no País das Maravilhas*, a personagem da Lagarta assume um papel significativo no processo de mediação entre as polaridades identitárias de Alice. Conforme Ricoeur (1988), *símbolo* é uma estrutura de significação que possui um sentido direto, primário e literal, e um sentido indireto, secundário e figurado que pode ser compreendido apenas por meio do primeiro. Dessa forma, a Lagarta é um sujeito de

imputação que desempenha a função de símbolo, cujas ações constituem uma estrutura simbólica significativa para a narrativa.

A Lagarta, em sua aparição no plano fantástico, simboliza o outro e a alteridade, pois para que Alice se compreenda como um indivíduo em desenvolvimento, é necessário que ela entenda que está passando por um processo de transformação. No entanto, a menina se vê impossibilitada de traçar esse processo hermenêutico por conta própria, daí a importância de a Lagarta tornar-se o símbolo do outro, pois é por meio de uma dialética estabelecida com esse símbolo que se chegaria a uma melhor interpretação de si.

Por meio do confronto, compreendemos que a Lagarta exerce influência no processo de mediação entre as polaridades identitárias de Alice, auxiliando-a a conhecer-se na mudança, em processo esperado e fundamental para seu desenvolvimento, que é na reflexão sobre sua própria identidade que a interpretação e o conhecimento de si possibilitam ascensão de sua identidade plena.

Figura 4: representação dos símbolos que se coadunam na simbólica da alteridade



Ricoeur (1988, p. 14-15) argumenta que a interpretação é um trabalho de pensamento que consiste em decifrar o sentido escondido no sentido aparente, em desdobrar os níveis de significação implicados na significação literal. Dessa forma, a

interpretação e o símbolo tornam-se conceitos correlativos, em que a interpretação é necessária onde há sentido múltiplo, e é na interpretação que a pluralidade dos sentidos é tornada manifesta. Diante da manifestação do símbolo, é necessário realizar uma interpretação fundamental de seu significado.

Como já citamos, a Lagarta e o próprio *País das Maravilhas* são manifestações permitidas pelo universo fantástico da obra de Lewis Carroll e, nesse contexto, a Lagarta assume uma simbólica de alteridade, como guia da menina a seu conhecer a si mesma como um outro. Pela intriga, o enredo se organiza e a Lagarta se projeta como um outro que confronta para que se gere grau de interpretação mais apurado... Um outro jaguadarte – para manter os signos de Carroll – que instigada a decifrar o sentido implícito que a Lagarta e suas ações simbolizam.

Apesar do seu diferente enraizamento nos valores fisionômicos do cosmos, no simbolismo sexual, na imagética sensorial, todos estes simbolismos tem a sua aparição no elemento da linguagem. Não há simbólica antes do homem que fala, mesmo se o poder do símbolo está enraizado mais abaixo. E na linguagem que o cosmos, o desejo, o imaginário têm acesso a expressão; e sempre preciso uma palavra para recuperar o mundo e fazer com que ele se torne hierofania. Do mesmo modo o sonho permanece fechado para todos enquanto não é levado ao plano da linguagem através da narração. (RICOEUR, 1988. p. 15)

RICOEUR (1988, p. 15) explica que todos os simbolismos têm sua origem na linguagem, apesar de suas raízes residirem em diferentes aspectos do cosmos, e que o poder do símbolo – em sua constituição – desemboca por níveis mais profundos nas interrelações significativas que lhe seriam ulteriores, mas é através da linguagem que o cosmos, o desejo e o imaginário encontram expressão. É sempre necessária uma palavra para recuperar o mundo e torná-lo uma hierofania. Tomando suas palavras como norte, entendemos que a Lagarta, como guia, infere-se a uma simbólica de transformação e metamorfose, expressa através da linguagem e da interação entre ela e Alice, de forma que o sonho permaneceria fechado para todos se o atravessar a toca do coelho não tivesse trazido para o plano da linguagem por meio da narração o conhecer-se a si mesmo como um outro... É a partir da conversa com a Lagarta que Alice começa a compreender a natureza mutável da realidade e a importância de se adaptar às mudanças.

Além disso, a obra também enfatiza a importância da linguagem na construção do mundo e da realidade, e Alice é constantemente confrontada com essa descoberta, pois situações em que a realidade parece ser fluida e mutável se apresentam como um jogo passível de decifração que requer a linguagem como competência à interpretação e ao significado. Portanto, pode-se dizer que a obra *Alice no País das Maravilhas* exemplifica

o papel fundamental que a linguagem desempenha na expressão e compreensão dos simbolismos presentes na construção daquela realidade.

A simbólica de alteridade é expressa através da narrativa, pois é por meio da linguagem que a simbologia é compreendida e seu significado se torna inteligível. Nessa dinâmica, a Lagarta assoma a ipseidade que precisa ser compreendida, para que Alice possa *ouvir, ver e dialogar* com ela, a fim de compreender a mudança como parte natural da Alice que conhecerá ao final da obra.

Alice, após ter um diálogo significativo com a Lagarta, continua sua jornada pelo país das maravilhas, experimentando situações extraordinárias até chegar à cena sobre o roubo de uma torta. Durante a audiência, Alice é chamada para depor em meio a uma situação caótica, e decide abandonar o mundo fantástico. Inferimos daí que para a protagonista, o jogo perdera seu motivo e sua ludicidade, ficando tão oneroso quanto a situação inicial em que se encontrava antes da toca do coelho.

No final do julgamento, Alice cresce até seu tamanho natural e declara que ninguém se importa com as cartas acusadas de roubo. Entendemos que o crescimento desordenado de Alice representa a incerteza, e que seu retorno ao tamanho normal indica aprendizado após as experiências vividas. O crescer é seu amadurecer.

Nesse exato momento, o baralho inteiro se ergueu no ar e desceu sobre a cabeça de Alice. Ela deu um gritinho, meio de medo e meio de raiva, e, abanando as mãos, tentou se desvencilhar das cartas. De repente, viu-se deitada à beira do Rio, com a cabeça no colo da irmã que, delicadamente, removia algumas folhas soltas que caíram das árvores no rosto de Alice.

“Acorde, Alice querida!”, disse a irmã. “Que soneca demorada, hein?” “Tive um sonho tão esquisito!”, exclamou Alice, relatando em seguida tudo o que podia lembrar das estranhas aventuras que vocês acabaram de ler. Quando ela terminou, sua irmã lhe deu um beijo e disse: “Foi um sonho *realmente* esquisito, minha flor, sem a menor dúvida. Mas agora vá tomar seu chá, está ficando tarde”.

Alice então se levantou e saiu correndo, pensando que o sonho, embora esquisito, fora absolutamente maravilhoso. (CARROLL, 2019. p. 149-151)

A intriga apresenta como Alice acessa o País das Maravilhas movida por sua imaginação com o intuito de compreender as incertezas acerca de sua identidade. Embora pareçam sobrenaturais, as criaturas com as quais ela interage e as situações que experimenta têm uma explicação racional, que quando apresentadas, desvanecem a relação entre realidade e imaginação que se estabelece no início da narrativa. A intriga estabelecida pelo fantástico ajuda a mediar as polaridades da mesmidade e da ipseidade, permitindo Alice a compreender melhor a si mesma. No entanto, uma vez que ela atinge

seu objetivo, o País das Maravilhas desaparece, o que sugere que a experiência de Alice poderia suscitar uma realidade onírica⁹, em que a imaginação é capaz de criar mundos inteiros, contudo a intriga acaba por encontrar uma lógica específica àquele lugar, que só seria explicada e compreendida pela “razão” das maravilhas, o que desfaz a impressão inicial que demarcaria essa perspectiva.

Paul Ricoeur ressalta que a narrativa da própria história é um processo que permite ao sujeito se reconhecer em sua própria identidade, ou seja, quando contamos a nossa própria história, podemos identificar elementos que nos ajudam a constituir uma imagem mais clara de nós mesmos e da nossa identidade. No caso de Alice, por sua vez, esse processo de autocompreensão é fundamental para o desenvolvimento da maturidade, pois lhe permite lidar com a incerteza e a compreender as complexidades da vida. Quando temos uma compreensão clara e coerente de nós mesmos, somos mais capazes de enfrentar os desafios da vida com confiança e resiliência. Por isso, a reflexão sobre a própria história e a ressignificação de uma identidade coerente são aspectos fundamentais para o desenvolvimento da maturidade.

A irmã de Alice permaneceu sentada no mesmo lugar, com o queixo apoiado na mão, contemplando o poente e pensando na pequena Alice e em suas extraordinárias aventuras. (...)

Ficou sentada, de olhos fechados, imaginando-se no País das Maravilhas, embora soubesse que, se os abrisse, voltaria para a maçante realidade – onde o farfalhar na relva era provocado pelo vento, as águas do rio mais crespas graças à ondulação dos juncos; onde o tintilar das xícaras era tão somente o som dos sininhos das ovelhas e a voz da Rainha, o chamado do menino do pastoreio... todos os outros sons esquisitos, como o espirros do bebê, o tom esganiçado do Grifo, iriam se transformar (ela sabia bem) na ruidosa balbúrdia da fazenda... e os soluços confrangidos da Tartaruga de Mentira seriam apenas os mugidos do gado a distância...

Por fim, imaginou como a irmãzinha se tornaria, futuramente, uma mulher adulta e como conservaria, na maturidade, o mesmo coração singelo e amoroso do tempo de menina; imaginou-a cercada de crianças, que a fitariam com olhos ávidos e acesos, enquanto ela relataria muitas histórias fantásticas, talvez até mesmo seu antigo sonho sobre o País das Maravilhas. Desejou que a Alice adulta pudesse ser compassiva com as tristezas banais das crianças, bem como regozijar-se com suas alegrias corriqueiras, lembrando-se de uma própria infância e dos dias felizes de verão. (CARROLL, 2019. P. 151-152)

⁹ “O fantástico tem, pois, uma vida cheia de perigos, e pode desvanecer-se em qualquer momento. Mais que ser um gênero autônomo, parece situar-se no limite de dois gêneros: o maravilhoso e o estranho”. (TODOROV, 2004. P. 24) de acordo com o que cunha o autor, o fantástico é um gênero de vacilação que desvanece em duas categorias, no caso de Alice no País das Maravilhas, a narrativa se caracteriza como fantástico-estranho, pois como o autor define é a categoria que ao fim de sua constituição narrativa apresenta uma explicação racional que desvanece a relação de real-imaginário do fantástico: o sonho.

A fantasia se dissipa e o que se cristaliza é a superação de um dilema que, a princípio, foi criado pelas incertezas da infância, por meio do processo de desenvolvimento que resulta na maturidade. Em uma reflexão sobre todo esse processo, podemos concluir que, assim como Ricoeur defende em seus estudos sobre a constituição da identidade, a vida humana se torna mais compreensível por meio da narrativa. Alice é matiz dessa afirmação, ela se reconhece na história que foi tecida sobre ela e, a partir disso, é capaz de ressignificar sua identidade. Ela amadurece ao longo do processo de desenvolvimento, assim como uma crisálida, numa compreensão mais profunda de si mesma, pois é capaz de conectar experiências passadas e presentes e proporcionar um sentido de continuidade e propósito.

Considerações Finais

O objetivo deste estudo foi compreender a simbólica da personagem Lagarta na narrativa fantástica de *Alice no País das Maravilhas* e sua importância para o processo de constituição da identidade narrativa da personagem Alice. Para elucidar sua incerteza identitária, foi abordada a teoria de identidade narrativa de Paul Ricoeur (1991), que entende a identidade pessoal como uma forma de reconhecimento do indivíduo ao longo de sua vida. Segundo o autor, esse problema se soluciona a partir da articulação de dois polos de identidade, caráter/mesmidade e promessa/ipseidade, que se medeiam e se recobrem pela função narrativa.

Além disso, foram trabalhadas as ideias de Todorov sobre a narrativa fantástica, que propõe que o gênero se origina da vacilação entre o real e o extraordinário, projetada pela imaginação ou ilusão. A entrada de Alice no plano fantástico permitiu que ela interpretasse seus dilemas e solucionasse suas questões introspectivas em uma simbólica tangível. Dentro da teoria fantástica, a presença da Lagarta é uma manifestação simbólica de alteridade, que foi essencial para a mediação das polaridades da identidade pessoal.

Por fim, foi abordado como a função narrativa mediou a articulação entre o caráter e a promessa para desencadear a constituição plena da identidade narrativa da Alice, permitindo que ela alcançasse a compreensão de que a história de sua vida constitui sua identidade. Este estudo permitiu compreender que a narrativa que tecemos sobre nossas vidas é fundamental para definirmos com convicção quem somos. Narrar-se a si mesmo é compreender-se e se afirmar como si mesmo.

REFERÊNCIAS

- CANTON, James. et. al. O livro da Literatura. 1. ed - São Paulo: Globo, 2016.
- CARNEIRO, José Vanderlei. Por uma redefinição da narrativa à luz da narratologia contemporânea. Fortaleza (CE). Universidade Federal do Ceará, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-graduação em Linguística. 2009
- CARROLL, Lewis. Alice no País das Maravilhas. Tradução de Márcia Heloisa, Leandro Durazzo; Ilustrações de John Tenniel. Rio de Janeiro: DarkSide, 2019.
- CHAVES, Reginaldo Sousa. A Rasura do nome a partir de Lewis Carroll e Pierre Klossowski: Cesura do eu e identidade narrativa. Letras em Revista. Teresina, V. 07, n. 02, jul./dez. 2016. P. 119-130
- CORREIA, Carlos João. Sentimento de si e a identidade pessoal. Lisboa: CFUL, 2012. P. 107-120
- GARDNER, Martin. *The annotated Alice: Alice's adventures in Wonderland & Through the looking glass*. [Harmondsworth, Eng.]: Penguin Books, 1965.
- GOLIN, Cida. A busca da identidade em “Alice no país das Maravilhas” e “Corda bamba”. Letras de Hoje. Porto Alegre, V. 26, n.3, setembro de 1991. P. 51-64
- GUBERT, Paulo Gilberto. DA CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE NARRATIVA NA OBRA “O SI-MESMO COMO UM OUTRO” DE RICOEUR. Pólemos, Brasília, vol. 1, n. 1, maio 2012. P. 136-145
- MARCELLO, Carolina. Alice no País das Maravilhas: resumo e análise do livro. Blog Cultura Genial. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/livro-alice-no-pais-dasmaravilhas-lewis-carroll/>. Acesso em:
- RACKIN, Donald. *Alice's adventures in Wonderland and Through the looking glass: nonsense, sense, and meaning*. Macmillan Reference USA, 1991.
- RICOEUR, Paul. O Conflito das Interpretações: Ensaio de Hermenêutica. Tradução de M. F. Sá Correia. Porto: RÉ-S- Editora, 1988.
- _____. O si-mesmo como um outro. Campinas, SP. Editora Papirus, 1991.
- _____. Tempo e narrativa – Tomo III. Campinas, SP. Papirus Editora, 1997.
- ROTHMANN, Mircon; ALVES, Elis Regina Fernandes. “Alice No País Das Maravilhas”: Uma Relação Entre Literatura E Sociedade No Período Vitoriano. Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Letras – Língua Portuguesa e Língua Inglesa da Universidade Federal do Amazonas. 2013.

SILVA, Carlos Roberto Gonçalves Da; TAVARES, Márcia. A Inocência de Alice na Antítese entre autoritarismo e emancipação. Revista Humanidades E Inovação V.7, N.22 - 2020 P. 33-42

TODOROV, Tzvetan. Introdução à Literatura Fantástica. Tradução de Maria. Clara Correa Castello. 3ª edição. SP: Editora Perspectiva, 2004.